

A ESTRUTURA FRASAL E A PONTUAÇÃO NOS DIÁLOGOS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PUBLICADAS NO BRASIL

Maria Luci de Mesquita Prestes

Faculdades Porto-Alegrenses | Brasil

malupre@terra.com.br

malupre@fapa.com.br

Resumen

Em manuais de redação, costumam-se encontrar aspectos concernentes à estrutura de frases e à pontuação – com relação a este segundo aspecto, também em gramáticas –, os quais se enquadram em padrões, poder-se-ia dizer, ainda bastante clássicos, respeitando uma série de requisitos ditados por aquilo que se considera a norma culta. Contudo, se formos observar em textos de diversas tipologias e gêneros, vamos perceber usos que nem sempre se enquadram nesses padrões, mas que são aceitos como adequados nos contextos em que se inserem. Esse aspecto nos tem chamado a atenção e vem sendo objeto de alguns de nossos estudos. Nesta comunicação, pretendemos mostrar os resultados de um desses estudos: uma pesquisa que empreendemos no sentido de verificar como se estão comportando, na atualidade, em diálogos de histórias em quadrinhos publicadas no Brasil, a estrutura frasal e a pontuação. O que se pôde perceber é que a tendência da estrutura frasal nas histórias em quadrinhos analisadas é a da frase curta, bem apropriada a tal gênero de texto, em que a palavra é aliada da imagem e cuja leitura, na grande maioria das vezes, é feita para o entretenimento, devendo, então, permitir uma leitura mais rápida e fluida. A pontuação final, por conseguinte, é de grande importância nesses textos, sendo interessante reforçar o uso bastante recorrente de pontos de exclamação, que, acreditamos, pode estar relacionado à voz em falsete atribuída em dublagem a muitos dos personagens dessas histórias quando eles aparecem em desenhos animados.

1. INTRODUÇÃO

Em manuais de redação, costumam-se encontrar aspectos concernentes à estrutura de frases e à pontuação – com relação a este segundo aspecto, também em gramáticas –, os quais se enquadram em padrões, poder-se-ia dizer, ainda bastante clássicos, respeitando uma série de requisitos ditados por aquilo que se considera a norma culta. Contudo, se formos observar em textos de diversas tipologias e gêneros, vamos perceber usos que nem sempre se enquadram nesses padrões, mas que são aceitos como adequados nos contextos em que se inserem. Esse aspecto nos tem chamado a atenção e vem sendo objeto de alguns de nossos estudos. Neste artigo, pretendemos mostrar os resultados de um desses estudos: uma pesquisa que empreendemos no sentido de verificar como se estão comportando, na atualidade, nos diálogos de histórias em quadrinhos publicadas no Brasil, a estrutura frasal e a pontuação.

2. A FRASE

Conforme Greimas e Courtés (1983: 196),

Tradicionalmente, define-se a frase como uma unidade da cadeia sintagmática, caracterizada, semanticamente, pela autonomia relativa de sua significação e, foneticamente, pela presença de demarcadores de natureza prosódica (pausas e fraseados de modulação, maiúsculas e sinais de pontuação). É claro que a definição semântica é intuitiva (uma frase pode comportar várias unidades de sentido, várias proposições) e que os critérios fonéticos continuam incertos. As duas abordagens, com efeito, deixam de especificar a frase por aquilo que ela é: uma unidade sintática.

Segundo Câmara Júnior (1986), a formulação verbal pode ser feita com períodos simples e curtos – tendência predominante na linguagem moderna – ou com períodos longos e compostos – tendência predominante nos grandes escritores latinos, imitados pelos autores portugueses clássicos (séculos XVI e XVII) e por alguns outros autores mais recentes.

Na opinião de Melo (1976: 136),

O período curto, nomeadamente o de estrutura coordenativa, é muito mais fácil de elaborar e de ser entendido, traduz o pensamento nascente, dispensa a arquitetura de um raciocínio elaborado e encadeado.

Hoje, dá-se-lhe preferência, adequado que ele é ao atual espírito pragmático, inimigo do esforço, dissipado, desligado de compromissos [sic], empirista.

De acordo com Monteiro (1991: 50, grifo nosso),

Fatores lógicos psicológicos ou mesmo fisiológicos intervêm no correlacionamento e na extensão dos períodos e parágrafos. Além desses fatores, os traços definidores de um estilo de época fazem que os textos sofram variações nesse ponto. Um discurso barroco, por exemplo, se caracteriza pela assimetria, vale dizer, os enunciados se dispõem num esquema constrastivo; períodos longos x períodos curtos. O clássico, diversamente prima pela simetria, pelo senso de proporção. *Na época atual, há uma tendência à frase curta, que sintoniza com nossa existência dinâmica, nervosa e febril.*

3. A PONTUAÇÃO

Conforme Smith (1993: 81), os sinais de pontuação têm a tarefa de orientar o leitor, e “essa função de indicadora de leituras é compatível com um princípio de cooperação, pelo qual escritor e leitor compartilham ativamente a tarefa de construir significados.” Reforça Costa (1994: 8) que “a pontuação é um dos elementos que contribui para a coesão das idéias, para a garantia de uma intencionalidade do autor e para a orientação do leitor”.

Conforme a autora (Costa, 1994: 20), alterações de regras de pontuação não se constituem em um fenômeno unilateral. Tais alterações são parte de um processo paralelo a modificações na estrutura frasal. Assim, o estudo da sintaxe a partir da década de 1950 contribuiu para uma maior formalização da estrutura da frase. A década de 1970, com os estudos do texto, gerou a possibilidade de sistematizar o estudo da pontuação de acordo com regras de texto, de parágrafo, de frase e de palavra. Diz Allen (2002: 8, tradução nossa): “A pontuação tem um único e prático propósito: tornar a

escrita clara e fácil de entender.” Essa clareza está relacionada tanto à estrutura quanto ao significado das sentenças (Merriam-Webster’s, 2001: 1).

Chacon (1998), embora acreditando que a atuação da pontuação aconteça de modo simultâneo em várias dimensões da linguagem, trata, em sua obra, para facilitar sua exposição, da pontuação nas seguintes dimensões: fônica, sintática, textual e enunciativa. Considerando a dimensão fônica, salienta-se o papel da pontuação de assinalar pausas e de delimitar contornos entonacionais. Na dimensão sintática, a pontuação é vista como o conjunto dos sinais gráficos – chamados por alguns autores de notações sintáticas ou lógicas, pois, sobretudo na tradição gramatical, a sintaxe está na base da própria caracterização da pontuação – que têm como finalidade discriminar os diversos elementos sintáticos da frase. Na dimensão textual, remete-se a aspectos gerais da organização textual e de sua pontuação, mas o autor destaca entre esses aspectos a topicalização e a coesão. Levando em conta a dimensão enunciativa, os sinais de pontuação são considerados marcas enunciativas do processo de escrita e da atividade do escritor de organizar seu texto e, ao mesmo tempo, mostrar-se como sujeito do que escreveu.

Costa (1994: 34) reforça que a pontuação vai depender do tipo de texto.

Além dos sinais de pontuação que normalmente encontramos em qualquer material que trate sobre o assunto (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, dois pontos, ponto e vírgula, reticências, travessão, barra, parênteses, colchetes, aspas, apóstrofo, hífen), Allen (2002) traz o uso de maiúscula inicial. Costa (1994) e Shaw (s.d.) trazem ainda o parágrafo, o itálico ou o sublinhado. Nogueira (1989, p. 68) também o faz, acrescentando ao itálico e ao sublinhado o negrito como sinal de pontuação.

Neste trabalho, interessam-nos em especial, sinais de pontuação final: o próprio ponto final, o de exclamação, o de interrogação e as reticências.

3.1. O ponto final

Quanto ao ponto final, geralmente, o que se encontra nos materiais pesquisados que tratam especificamente de aspectos relativos à pontuação se restringe a seu papel de delimitar o final de uma frase que não seja exclamativa ou interrogativa. Alguma observação quanto ao uso em estruturas fragmentadas encontramos em Mandryk e Faraco (1988: 326), Shaw (s.d.), Merriam-Webster’s (2001: 340), Kury (1986: 74-75).

Allen (2002: 57) é o autor que trata um pouquinho mais de possibilidades de uso de ponto final em estruturas frasais fragmentadas, as quais ele chama de sentenças incompletas ou elípticas, observando que são mais comuns na literatura para imprimir efeitos especiais. A seguir, são listados os exemplos citados pelo autor (tradução e grifo nossos):

Segunda, 13 de janeiro, 1986. Victor Wilcox está acordado, em seu quarto escuro, esperando o alarme de seu relógio a quartzo tocar. (David Lodge, no início de *Nice Work*, 1988.)

Eu penso que os negócios são muito simples. *Lucro. Perda.* Pegue as vendas, subtraia os custos, você terá um grande número positivo. (Bill Gates)

Aquele era um café da manhã dos sonhos. *Bacon e ovo e salsicha e feijão e tomates. Tudo fumegando quente. Um porta-torradas com geléia de frutas em potes. E uma grande caneca de chá.*

Estamos aqui em férias. *Para um descanso.* Podemos ficar sem pessoas batendo na janela da cozinha.

3.2. O ponto de exclamação

Costa (1994: 57) considera o ponto de exclamação como sendo “principalmente sinal de fim de frase” (ou de período ou de frase de situação e de frase nominal), conferindo “à frase um sentido de surpresa, admiração, ou exclamação”, pois sua utilização envolve a manifestação de sentimentos – manifestação essa cuja menção é ponto comum nos outros materiais que encontramos sobre esse sinal de pontuação.

Observa a autora (Costa, 1994: 57) que o ponto de exclamação aparece com mais frequência em transcrições de passagens que contenham diálogos, no discurso direto de textos ficcionais e em poemas. Em textos expositivos formais, segundo ela, deve-se evitar a banalização de seu uso, dando-se preferência a uma expressão mais racionalizada, assentada “na força expressiva das palavras. Observações semelhantes encontramos em Allen (2202: 23) e em Moreno e Guedes (1988: 64).

De acordo com Nogueira (1989: 65), o ponto de exclamação tem essencialmente “o mesmo valor do ponto final, apenas com a particularidade de imprimir à frase a entonação específica da exclamação, da admiração, do espanto, da surpresa.”

O ponto de exclamação, conforme Allen (2002: 23), Beltrão e Beltrão (1989: 45), Kury (1986: 75-76), Merriam-Webster's (2001: 32-33), Moreno e Guedes (1988: 64) e Passos (1967: 149-150) pode ser empregado no fim de palavras, expressões ou frases, conforme exemplos a seguir, retirados aleatoriamente dessas obras.

Ai!
Bom!
Ótimo!
Quieto!
Que sol!
Meu Deus!
Olá, negro!
Dito e feito!
Nada, nadador!
Não há alternativa!
O que parece um pôr-do-sol, é uma aurora!
Fomos agravados, ofendidos, humilhados, vilipendiados!
Oh! Quando terminará tudo isto?
Brasileiros! Chegou a hora da integração nacional.

3.3. O ponto de interrogação

Em todos os materiais que pesquisamos, aparece como função do ponto de interrogação finalizar interrogações diretas.

São exemplificadas, em geral, situações com períodos interrogativos, como os que são apresentados a seguir, os quais foram recolhidos aleatoriamente desses materiais pesquisados.

Você viu meu avental?
Onde eu poderei colocar a cadeira?
Por acaso vocês pensam que eu, depois de tudo o que fiz, vou desistir do contrato?

3.4. As reticências

É consenso no material que pesquisamos que as reticências indicam uma suspensão do pensamento.

Esse pensamento em suspenso pode ser completado pelo leitor, como mostram os exemplos a seguir, constantes, respectivamente, em Beltrão e Beltrão (1989: 46) e em Kury (1986: 76):

Para bom entendedor...

– Quem sabe? Em 1880, talvez se toque isso, e se conte que Mestre Romão...
(Machado de Assis)

Pode também ser completado, em um diálogo, por outro interlocutor, como podemos constatar em exemplo transcrito de Kury (1986: 76):

– Apesar disso, a Marocas...

– É verdade, dominou-o. (Machado de Assis)

Essa suspensão pode ainda indicar hesitação, retomando-se depois a continuidade da frase, conforme podemos observar em exemplos colhidos, respectivamente em Kury (1986: 76) e em Merriam-Webster's (2001: 32, tradução nossa):

– Uma vez no poder, podem facilmente alijar os políticos profissionais... e os coronéis de... de... quero dizer, os coronéis honorários. (Érico Veríssimo)

O orador parecia incerto: “Bem, é verdade... mas mesmo assim... penso que nós podemos fazer melhor.”

No fim de uma frase de sentido completo, as reticências podem assinalar diversas nuances de emotividade, que vão “da confiança à desconfiança, da alegria à tristeza, da delicadeza à cólera, da ironia e do sarcasmo à compreensão solidária ou à cumplicidade tácita, da paciência à impaciência”, emprestando “por vezes à frase uma sugestão de continuidade, ou de estagnação” (Kury, 1986: 76), conforme podemos observar pelos quatro exemplos a seguir, coletados os três primeiros em Beltrão e Beltrão (1989: 48-49) e o último em Kury (1986: 77):

Você entende mesmo do assunto...

Mas já vão longe os dias de paz...

Das promessas dos políticos só eu sei...

Agora estão perdidos... (Érico Veríssimo)

3.5. O uso cumulativo de sinais de pontuação

Em Allen (2002: 74), Beltrão e Beltrão (1989: 46) e em Passos (1967: 150), são feitas observações quanto ao uso multiplicado de pontos de exclamação – dois ou mais –, o que confere uma ênfase à entonação da frase, conforme podemos constatar pelos exemplos a seguir, colhidos, na ordem, das obras referidas:

Meu Deus, eu estava zangado!!!

Socorro!!

Não, minha senhora!! (Eça de Queiroz)

Na maioria das fontes em que pesquisamos, encontramos observações quanto ao combinado de sinais de pontuação: ponto de exclamação com ponto de interrogação e vice-versa, bem como de um deles ou até dos dois com reticências. Com tais combinações, segundo Kury (1986: 77),

[...] é possível sugerir as mais variadas inflexões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre tantos outros matizes emocionais.

Para ilustrar tais usos, trazemos a seguir alguns exemplos, coletados aleatoriamente das fontes consultadas.

Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros!... (Eça de Queiroz)

Pode-se realmente afirmar que a história se repete, à exceção dos duelos...!

Então estamos entendidos?... (Aluizio de Azevedo)

Vossorias conhecem aquelas serranias onde Nossa Senhora apareceu a uma pastorinha de gado, que era muda...?! (Aquilino Ribeiro)

– Com Helena?!... Mas logo com Helena?! (Aníbal Machado)

Você está falando sério?!

Você fez o quê!?

4. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Segundo Bibe-Luyten (1989), a linguagem dos quadrinhos é adequada à nossa era, pois é fluida, apesar de intensa, e transitória, oferecendo um espaço permanente às formas de renovação.

Conforme Quella-Guyot (1994: 109), a história em quadrinhos ocupa uma posição importante em nosso sistema cultural, situando-se entre as Belas-Artes e as Belas-Letras. Salienta o autor que ela não é um gênero, mas um meio de expressão artística em que é possível abordar vários gêneros já reconhecidos, como de aventura, policial, humorístico, etc. É um meio de expressão que resulta do “cruzamento entre a escrita, a literatura, a arte gráfica, a arte pictórica, arte fotográfica e a arte cinematográfica” (Quella-Guyot, 1994: 34).

O elemento lingüístico e a imagem estão em função de complementaridade nas histórias em quadrinhos. O elemento lingüístico possui um vasto poder de representação no extenso campo dos conceitos universais, porém o elemento icônico apenas nos traz o simulacro dos objetos físicos e, quando muito, sugestões de movimento e de sucessão. Já a imagem se reveste da enorme riqueza da representação do real com características individuais.

Cagnin (1975: 31), ao comentar sobre a acentuada importância dada atualmente ao visual, em detrimento do verbal, observa que, "ainda que haja um crescimento sempre maior dos meios de comunicação visual, os dois sistemas de mensagem se auxiliam e se completam."

Nessa relação de complementaridade entre palavra e imagens, conforme Cagnin (1975: 120), as duas fazem parte de um sintagma superior – no caso, o narrativo. Assim,

a palavra é importante tanto nas histórias em quadrinhos quanto no cinema, pois os diálogos não se constituem em simples representação mimética do ato de fala, "mas fazem caminhar a ação, emprestando à imagem os significados que ele não pode ter." E se à palavra cabe conduzir a narrativa, à imagem cabe passar as informações descritivas: personagens, cenários, movimentos. Contudo, embora a palavra tenha essa função preponderante, ela ficou restrita quase que só aos balões, irmanando-se à função essencial da imagem e igualando-se a ela, pois então a palavra não narra, mas representa.

Cagnin (1975: 125) salienta o seguinte:

A linguagem é mais custosa na aprendizagem e decodificação que a imagem. Talvez por isto, em nossa época, as narrações ainda lidas sejam as HQ, pois o elemento de maior custo, a escrita, fica limitado estritamente ao diálogo, evitando-se o gasto e o enfado da leitura de imensas descrições verbais de personagens e situações. Estas, em grande parte, são resolvidas com meios mais econômicos, para o leitor, e talvez mais eficazes, as imagens.

Com relação aos balões, o autor ilustra suas diversas formas e propósitos. Ele também destaca a importância da posição deles no quadrinho, cuja leitura, como já mencionado anteriormente, se faz da esquerda para a direita e de cima para baixo, traduzindo-se em indicação de tempo narrativo.

Cagnin (1975: 29) também destaca, quanto ao balão, o seu apêndice, cujos tipos principais são a flecha (fala) e a bolha (pensamento). O balão, ao participar dos dois códigos – o figurativo e o lingüístico –, transforma a escrita em som, e o apêndice transforma a narração em discurso direto, eliminando-se a mediação do narrador – através de frases com verbos *dicendi* – pela observação direta do fato.

Outro elemento narrativo é a legenda, cuja forma de apresentação é variada. Se muito extensa, pode tomar um quadrinho inteiro, embora, normalmente, seja um pequeno fragmento do discurso narrativo, podendo, por isso, ficar em pequena faixa limitada por uma linha paralela a um dos lados do quadrinho. Como nelas entra a voz quase impassível do narrador, que é um elemento externo à ação, seu conteúdo é sempre um texto com caracteres normais, o que nem sempre acontece com os balões, cujos caracteres podem variar, dependendo da situação: pode-se colocar caracteres semelhantes aos das línguas árabe, chinesa ou japonesa, por exemplo, para mostrar a fala do(s) personagem(ns) que as utilizaria(m) .

Outro elemento ainda são as onomatopéias, que se ligam diretamente à cena representada, apresentando também um duplo aspecto: analógico (tamanho dos grafemas, volume, tridimensionalidade, formas variadas), participando da montagem da cena, e lingüístico, normalmente só aproveitando a qualidade sonora do grafema representado, o que faz com que variem de língua para língua.

Também é elemento narrativo o título, que marca o início de cada história com um cuidado especial, apresentando um papel importante de ancoragem, ao mesmo tempo que participa da composição icônica do quadrinho, exercendo também uma função figurativa: as letras são muito bem trabalhadas e dispostas em harmonia com elementos do quadrinho inicial.

Ainda quanto à parte escrita dos quadrinhos, desconhecemos, até o momento, alguma obra que aborde questões lingüísticas mais específicas sobre esse aspecto, ao qual pretendemos dar mais atenção no desenvolvimento de nossa pesquisa, procurando preencher um pouco desse vazio. Neste momento, interessa-nos, em especial, analisar a estrutura frasal e a pontuação em tais textos.

5. ANÁLISE DA ESTRUTURA FRASAL E DA PONTUAÇÃO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para nossa pesquisa, levantamos um *corpus* de vinte e cinco revistas de histórias em quadrinhos. Na constituição desse *corpus*, seguimos os seguintes critérios: as revistas deveriam ser publicadas, em português, no Brasil, em abril de 2003 – houve casos de revistas sem menção de mês, apenas do ano, as quais também foram aproveitadas. Para tentar uma certa uniformidade na coleta, foram adquiridas todas as revistas disponíveis, no referido período, em uma banca de bairro periférico de Porto Alegre, sendo a escolha da localização decorrente da facilidade de acesso proporcionada à pesquisadora.

Para um melhor discernimento do modo como foram transcritos os exemplos, esclarecemos que as expressões encontradas em balões aparecem em caracteres normais, e as encontradas em legendas, em itálico. As expressões que se encontram em diferentes balões ou legendas, mas dentro de um mesmo quadrinho, aparecem separadas por uma barra; as que estão em quadrinhos diferentes, por duas barras paralelas. As expressões em negrito aparecem conforme se encontram nos originais, pois tal destaque também é considerado um tipo de pontuação.

Na análise pudemos observar os seguintes aspectos:

5.1. Revistas da Turma da Mônica:

a) frases curtas nos balões e nas legendas, podendo ser um pouco mais extensas nestas, mas sempre sem construções intrincadas;

- períodos simples;
Olegário tinha verdadeiro pavor da morte! (Parque da Mônica, 124: 19)
Ele não é uma gracinha? (Almanaque do Chico Bento, 74: 40)
- períodos compostos por subordinação e/ou por coordenação;
Então, foi a bruxa quem parou para pensar, já que adorava festas e não podia perder uma oportunidade daquelas! (Magali, 359 : 18)
Somos pequeninos, mas a nossa picada pode derrubar o mais forte dos homens! (Parque da Mônica, 124: 6)
Cuida que o filho é teu! (Cebolinha, 202: 4)
Estava dando o almoço, mas ele não quer comer! (Almanaque do Cebolinha, 74: 10)
Uma vez, li num livro que esses sinais são coisas de extraterrestres!” (Chico Bento, 423: 5)
- frases relacionadas por justaposição;
Sinto muito, mas hoje não sobrou nada para você! / Vendi toda a mercadoria!
Estou até fechando mais cedo! (Cascão, 423: 37)
Eu e meus amiguinhos nos sentimos em casa aqui! / Mas ouvi dizer que na história de hoje vai ter uns monstros terríveis! (Parque da Mônica, 124: 3)
- frases fragmentadas (em uma única situação, na qual se foge de um emprego já consagrado, em que seriam consideradas como relacionadas por justaposição);
E se tornou a maior imitadora de personalidades que o mundo já teve!
Fazendo imitações que iam desde o Fostão... // ...até o fabuloso Melvis! / Já que podia se transformar em qualquer coisa! (Magali, 359: 22)

- frases de situação;
Obrigada, seu Juca! (Mônica, 202: 10)
É claro! (Mônica, 202: 34)
- frases nominais.
Flores para outra flor! (Cebolinha, 202: 38)
Eu e minhas idéias! (Magali, 359: 12)

b) uso generalizado de ponto de exclamação, inclusive em frases que poderiam ser declarativas (seria uma marca da fala em “falsete” dos personagens, conforme se pode constatar quando eles aparecem dublados em desenhos animados?);

Estamos usando a sala para uma reunião! (Almanaque do Cebolinha, 74: 24)
Quero retratar um instantâneo do dia-a-dia de vocês! (Mônica, 202: 32)

c) frases exclamativas e imperativas marcadas pela multiplicação de pontos de exclamação;

Chega!! É demais para mim!! Só pode ser uruca!! (Mônica, 202: 19)
É incrível!! Nunca vi nada igual!! (Cascão, 423: 25)

d) uso cumulativo de sinais de pontuação;

Essa é a grande novidade?! (Cascão, 423: 4)
O quê?!! (Magali, 359: 37)
Deixa comigo!! (Cebolinha, 202: 26)
Magali?? (Magali, 359: 59)

e) uso de ponto de interrogação, em histórias com diálogos escritos, em negrito e em tamanho maior que o utilizado nas seqüências escritas, sozinho, reforçando imagem de semblante que demonstre algum tipo de interrogação;

Chico Bento e Rosinha: Padre!! Descubrimo quem qui levô as prenda!!
Padre: **?** (Chico Bento, 423: 55)

f) uso, em histórias com seqüências apenas de imagens, de ponto de interrogação ou de exclamação sozinhos, em negrito e em tamanho maior que o utilizado nas seqüências escritas, reforçando imagem de semblante que demonstre algum tipo de interrogação ou de exclamação;

[Cebolinha passa, correndo com patins, por Mônica e atira um buquê de flores para ela]
Mônica: **!** (Cebolinha, 202: 66)

Caçador seguindo rastros de animais: ? (Chico Bento, 423: 22)

g) vocativo seguido imediatamente de ponto de exclamação na grande maioria das ocorrências;

Ei, Mônica! O que é uma corrente? (Mônica, 202: 7)

Ô querido! Não fica assim! (Cascão, 423: 5)

Cebolinha! Eu ouvi a campainha! (Cebolinha, 202: 6)

h) interjeições seguidas de ponto de exclamação na grande maioria das ocorrências;

Puxa! O Piteco tá mesmo levando a sério esse negócio de ser inventor!
(Mônica, 202: 63)

Epa! Estamos nos afastando demais de casa! (Magali, 359: 64)

i) reticências utilizadas para:

- marcar suspensões de idéias;
Bom... er... é que... é que... eu estava **blincando** de casinha com meu **pliminho**... (Cebolinha, 202: 12)
- substituir vírgulas ou dois-pontos;
Este ambiente é demais! Tão mórbido... tão sombrio... tão verdadeiro!
(Almanaque do Cebolinha, 74: 28)
Você é um cara legal... mas acabou, tá? (Mônica, 202: 41)
Rolo... quero lhe apresentar meu namorado! (Mônica, 202: 44)
E conheceu então um terceiro encanto muito maior e muito mais forte que os outros dois... o amor! (Magali, 359: 18)
- indicar a continuidade da frase em outro balão ou legenda.
É só pegar o barbante... // amarrar no dente dolorido e... (Cebolinha, 202: 47)
Até que, um belo dia... // não foi convidada para a maior festa que houve no reino! (Magali, 359 : 7)
- marcar a interrupção da fala de um personagem pela fala de outro;
Dona Morte: Você não é o...
Olegário: **Não!!** (Parque da Mônica, 124: 21)
Mônica: Não?! Ué! Se não foi você, então, quem...
Magali: Eu sei!! Eu sei!! (Mônica, 202: 22)

5.2. Revistas Disney

a) frases curtas nos balões e nas legendas, podendo ser um pouco mais extensas nestas, mas sempre sem frases intrincadas;

- períodos simples;
Eu fisquei um! (Disney Especial: os espiões, 9: 6)
O prefeito é candidato à reeleição! (Tio Patinhas, 453: 7)
- períodos compostos por subordinação e/ou por coordenação;
Quando crescer, eu vou ser presidente! (Mickey, 695: 21)
Alguma coisa me dizia que o Donald poderia não gostar de me ver aqui! (Tio Patinhas, 453: 119)
Ganhou a batalha, mas não a guerra! (Pato Donald, 2263: 5)
Se tivesse me convidado teria sido um problema, mas não ter sido convidado foi ainda pior! (Pato Donald, 2264: 21)
Eles trouxeram equipamento para cavar todo o deserto do Saara e ainda acham que esqueceram algo! (Disney Especial: os espiões, 9: 85)
- frases relacionadas por justaposição;
Drome e Dário, fiquem aí! A gente não vai demorar! (Disney Especial: os espiões, 9: 85)
Corram! Driblem! Chutem! (Mickey, 695: 18)
Este é um dos ratos superinteligentes do seu laboratório! E está indo pro cofre! (Tio Patinhas, 453: 41)
- frases de situação;
Ô louco! (Zé Carioca, 2227: 14)
Feliz aniversário! (Pato Donald, 2264: 3)
Socorro! (Disney Especial: os espiões, 9: 49)
- frases nominais;
Ei! Uma ferradura de sete furos! Que sorte! ! (Disney Especial: os espiões, 9: 48)
Tudo pronto para a descida? (Disney Especial: os espiões, 9: 27)
Iau! Mais bonecos! E vivos! (Mickey, 695: 32)
Beleza! Um clube se super-heróis! (Mickey, 694: 19)

b) uso generalizado de ponto de exclamação, inclusive em frases que poderiam ser declarativas (seria uma marca da fala em “falsete” dos personagens, conforme se pode constatar quando eles aparecem dublados em desenhos animados?);

Na cápsula espacial que lhe serve de laboratório, o corajoso agente secreto OO-Zero e sua eficiente auxiliar, Pata Hari, planejam um novo ataque a seu mais diabólico oponente, a organização perigosa conhecida como Bronka! (Disney Especial: os espiões, 9: 26)

O time dos Pernetas F. C. recebe a visita do Tacafogo F. C.! (Mickey, 695: 14)

Bem... o Herbie estava com o Jim, na Itália, para participar da prova que vai haver daqui a uma semana em Monza! (Disney Especial: os espiões, 9: 8)

Se não me engano, a linha conduz à mina da Serra Isolada! (Tio Patinhas, 453: 16)

c) frases imperativas e exclamativas sem dobrar o ponto de exclamação;

Passa a grana! (Zé Carioca, 2229: 18)

Volte aqui! (Pato Donald, 2264: 15)

d) frases imperativas e exclamativas com ponto final (apenas em uma revista, que tem um caráter diferencial em termos de *design*, apresenta uma história só e destina-se a um público de adolescentes a adultos: *Donald Super*;

Deixe as formalidades, Zirlion. (1: 10)

Será um grande prazer conquistar este planeta. (1: 11)

e) uso de ponto final em algumas frases declarativas (apenas em *Donald Super*, n. 1);

Estamos tentando estudar. (1: 15)

Vou organizar uma **caça ao herói** em toda a cidade. (1: 32)

f) uso, em histórias com diálogos escritos, de ponto de exclamação e/ou de interrogação em negrito e em tamanho maior, sozinhos, reforçando um semblante que demonstre algum tipo de exclamação ou de interrogação;

Peninha: Claro... mas escola de natação **para peixes!**

Cliente: **!** (Tio Patinhas, 453: 15)

Zé Carioca: Eu vou ganhar **rios de dinheiro** fotografando crianças!

Nestor: **?** (Zé Carioca, 229: 3)

Empresário: Você leu as **letras pequenas** do contrato, suponho!

Super Pateta: **?! (Mickey, 695: 29)**

g) uso cumulativo de sinais de pontuação (na grande maioria das ocorrências, com negrito e apenas um outro sinal de pontuação);

Corra! (Pato Donald, 2263: 12)

O quê? (Zé Carioca, 2229: 32)

Mas como?! (Donald Super, 1: 31)

h) vocativo pontuado com vírgula na maioria das ocorrências;

Batista, vou garimpar! (Tio Patinhas, 453: 23)

Nestor, você precisa se controlar! (Zé Carioca, 2229: 12)

i) interjeições seguidas de ponto de exclamação na grande maioria das ocorrências;

Oh! Você conseguiu captar a **graciosidade** do meu garoto! (Zé Carioca, 2229: 7)

Ei! Devolva a bandeja, baixote! (Disney Especial: os espiões, 9: 10)

Bah! Você e o Davi se merecem! (Mickey, 695: 11)

j) reticências utilizadas para:

- marcar suspensões de idéias;
É... canal 00... Angus Fangus. (Donald Super, 1: 36)
Hum... er... você é simpático! (Pato Donald, 2264: 5)
- substituir vírgulas e/ou dois-pontos;
E então... o que é isto? (Disney Especial: os espiões, 9: 47)
Rápido, Zé... ou a gente não acha ingresso pro show do **Caê!** (Zé Carioca, 2227: 3)
Prezado leitor desta revista... sinto muito, mas desta vez não tem piada!
(Mickey, 694: 23)
Proponho recuperar o saldo explorando um contribuinte rico... **o Patinhas!**
(Tio Patinhas, 453: 8)
- substituir ponto-e-vírgula e/ou ponto final ou de exclamação;
Inicie a produção... eu vou descer com o projeto! (Disney Especial: os espiões, 9: 96)
- substituir travessão ou parênteses;
Que divertido... apesar da companhia das meninas! (Tio Patinhas, 453: 103)
- indicar a continuidade da frase em outro balão ou legenda.
Não gosto de fazer isso com o Nestor, mas... // ...enquanto ele desvia a atenção de quem estiver na casa, eu entro pelos fundos! (Disney Especial: os espiões, 9: 51)
Patópolis, uma cidade bonita e tranqüila... // ...pelo menos até dois patos que conhecemos muito bem se trombarem... (Pato Donald, 2263: 15)
- marcar a interrupção da fala de um personagem pela fala de outro;
Afonsinho: Ah, bom! Pensei que...
Zé Carioca: Claro que nós vamos pescar, Afonsinho! (Zé Carioca, 2229: 24)

5.3. Simpsons; Dark Angel; Conan, o Bárbaro; Batman: Área 51; Batman: Deathblow; Cavaleiros do Zodíaco.

Em geral, nessas revistas, os tipos de frases e o uso de pontuação se assemelha ao das revistas Disney. Encontramos, ainda, em algumas delas, o uso de outro sinal de pontuação: *breaks* (optamos por preservar a expressão na língua original), que não foi encontrado no material que pesquisamos sobre o assunto, a não ser em uma citação de margem de página atribuída a Jonathan Swift (1723): “No bom senso moderno, toda coisa sem valor impressa é iniciada com numerosos *breaks* - - e travessões –.” (Allen, 2001: 69, tradução nossa, grifo nosso.) Tal sinal de pontuação tem um uso equivalente ao das reticências.

Exemplos:

Dark-Sama: Foi você que - -?

Sr. Kin: Não tive nada com isso. (Dark Angel, 4: 16)

Mago Karlk: Agora chega de conversa! O tempo urge! Vocês aceitam a missão ou - -?

Isparana: Chega de ameaças! (Conan, o Bárbaro, 13: 20)

Deatblow: **Scott!** Você tá - -

Scott: Bem! **Vão!** (Batman: Deatblow, 2: 29)

Agente Fante: Max, aquela mão - -

Max: Era do meu empregador. (Batman: Deatblow, 3: 28)

Na revista *Batman: Área 51* (19), encontramos uma situação de frases fragmentadas, mas cujo uso não nos parece desapropriado:

Só há um jeito de invadir a área 51. // O pior jeito.

6. CONCLUSÃO

Como se pôde perceber, a tendência da estrutura frasal nas histórias em quadrinhos analisadas é a da frase curta, bem apropriada a tal gênero de texto, em que a palavra é aliada da imagem e cuja leitura, na grande maioria das vezes, é feita para o entretenimento, devendo, então, permitir uma leitura mais rápida e fluida. A pontuação final, por conseguinte, é de grande importância nesses textos, sendo interessante reforçar o uso bastante recorrente de pontos de exclamação, que, como já referimos, acreditamos pode estar relacionado à voz em falsete atribuída em dublagem a muitos dos personagens dessas histórias quando eles aparecem em desenhos animados.

Neste artigo, em função até da delimitação de espaço, ficamos apenas na constatação desses aspectos analisados. Na sequência de nossa pesquisa maior, estamos analisando também como vêm comportando-se a estrutura frasal e a pontuação em textos de outros tipos e gêneros, confirmando a tendência cada vez mais sintética e/ou fragmentária desses empregos na atualidade. E se o que vimos até aqui ficou em uma perspectiva, podemos dizer, mais gramatical, isso não quer dizer que nossa direção não seja a enunciação.

Há que considerarmos o ponto de vista de Bakhtin (1992), que faz uma distinção entre oração (unidade da língua como sistema) e enunciado (unidade real da comunicação verbal). Assim, a tendência à síntese e à fragmentação da estrutura frasal – podendo constituir-se esta em uma subversão à sintaxe – encontra abrigo no enunciado, no qual vai alcançar a completude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Robert. *Punctuation*. New York: Oxford, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BELTRÃO, Odacir; Mariúsa BELTRÃO. *A pontuação hoje: normas e comentários*. 2º ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- BIBE-LUYTEN, Sonia A. *O que é história em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CAGNIN, Antônio Luís. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 9º ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

- CHACON, Lourenço. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- COSTA, Maria Rosa. *A Pontuação*. Porto: Porto, 1994.
- GREIMAS, Algirdas Julien; Joseph COURTÈS. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, [s/d].
- KURY, Adriano da Gama. *Ortografia, Pontuação, crase*. 2º ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio De estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MERRIAM-WEBSTER'S. *Guide To Punctuation and style*. 2º ed. Springfield: Merriam-Webster, 2001.
- MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística*. São Paulo: Ática, 1991.
- MORENO, Cláudio; Paulo Coimbra GUEDES. *Curso básico de redação*. 4º ed. São Paulo: Ática, 1988.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Guia Alfabética de pontuação*. 2º ed. Lisboa: Clássica, 1989.
- PASSOS, Alexandre. *Arte De Pontuar: Notações sintáticas*. 5º ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.
- QUELLA-GUYOT, Didier. *A história em quadrinhos*. São Paulo: Loyola, 1994.
- SHAW, Harry. *A complete course in freshman English*. New York: Harper, [s/d].
- SMITH, Marisa Magnus. "A pontuação como ponto de convergência entre o leitor e o escritor". In: José Marcelino POERSCH (org.). *Pontos de convergência entre leitura e escritura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 53-82.